



## O Processo de formação doutoral e a compreensão do Tempo em Norbert Elias<sup>1</sup>

Maria do Carmo Ferreira de Andrade<sup>2</sup>  
Gláucio Campos Gomes de Matos<sup>3</sup>

### Resumo

O texto propõe uma reflexão sobre o valor do tempo na vida acadêmica mais especificamente no processo de formação doutoral; desenvolve o conceito, a compreensão e a valorização do tempo enquanto regulador das ações dos indivíduos no exercício de sua vida acadêmica num prisma da teoria sociológica de Norbert Elias em sua obra “Sobre o Tempo” e expande seu embasamento em outras obras do mesmo autor com estratégias dialógicas em autores que versam sobre o tema dando-lhe maior consistência teórica. Vislumbra lançar luzes em fatos da vida cotidiana dos acadêmicos com questionamentos e reflexões investigando o significado e o redimensionamento do tempo na busca do conhecimento por uma vida acadêmica mais compromissada com seu processo formativo enquanto pesquisadores, desde a aprovação, ingresso, permanência e vivência da academia até o momento em que se torna egresso sendo a participação ativa e regular ao curso um mensurador que tem se apresentado como um gargalo advindo de situações adversas pois uma vez cursando o doutorado, pensa-se que a conquista acabou, e é bem ao contrário. Corre-se o risco de perder a noção da precisidade do tempo cronológico ou da intensidade de cada momento na formação. O estudo traz à guisa também, questões pertinentes à falta de recursos, incentivos como a “bolsa de estudos” para a efetivação da pesquisa. Assenta suas bases em pesquisa bibliográfica, qualitativa e de observação por tratar-se de vivências dos sujeitos no ambiente acadêmico.

**Palavras-chave:** Norbert Elias. Tempo; Formação doutoral; Recursos; Bolsa de estudo

### Introdução

Pensar Norbert Elias, nas mais variadas formas que este intelectual traçou seu nome na tradição sociológica, proporciona uma reflexão sobre os diferentes caminhos por ele trilhados, com a apropriação de algumas obras, embora Elias não seja tão conhecido como o são outros sociólogos mas, revisitá-lo em temas recorrentes ao

<sup>1</sup> Trabalho apresentado GT 09 – Processos Civilizadores na PANAMAZÔNICA do III Siscultura.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA - UFAM/2017/2. Mestre em Ensino Profissional e Tecnológico pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM. docarmoandrade58@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. glauciocampos@bol.com.br.

proposto será sempre um fazer “jus” que trará diferença pois, abrir-se a outras teorias nos remeterá a questões de “repensar a realidade com novos olhares”, que não o costumeiro da síndrome de Gabriela. *“Eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim, vou ser sempre assim. Gabriela, sempre Gabriela”*. (CAYMMI, 1975).

Em sua desenvoltura, o artigo debruçar-se-á em questões sobre o tempo não apenas enquanto temporalidade mas o tempo como investimento aplicado ao conhecimento que seria o de “aproveitar”, “saborear”, “fazer tesouro” de um viver intensamente todas as etapas da vida acadêmica sem desperdiçar se quer um segundo. Seu embasamento teórico assenta-se na teoria de Norbert Elias em sua obra *Sobre o Tempo* (1998) em conexão com outras obras que corroboram com o tema. Nesta obra, Elias assim se exprime:

O tempo absoluto é imenso, sem começo nem fim. Sempre existiu e sempre existirá da mesma maneira. Não se relaciona com nenhum ser humano mais do que com outro. Divide-se em três tempos: O passado, o presente e o futuro. O passado não tem entrada, o futuro não tem saída. Quanto ao presente, situado na posição intermediária, é tão breve e inapreensível, que não possui extensão própria e parece reduzir-se à conjunção do passado com o futuro. É tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser entregue ao passado. (ELIAS, 1998, p. 63-64).

Para Elias (1989,1993,1994), ao longo da evolução da sociedade, o “saber” é desenvolvido através de configurações sociais, assim como o tempo desponta como produto da evolução de nossa sociedade não significando imperiosamente progresso, mas imbuída por progressos e retrocessos e relacionada ao tempo, tendo por base a progressão de síntese e representação simbólica da capacidade humana. Os termos “desenvolvimento”, “evolução” e “progresso” não são utilizados por Elias no sentido de uma necessidade automática ou intrínseca à sociedade como no século XX, mas para explicitar, empírica e teoricamente, mudanças estruturais na sociedade a longo prazo. O tempo é postulado como um, dentre vários, elementos que têm acompanhado a evolução da humanidade.

### **O tempo em Elias**

Como prerrogativa, vemos que os físicos às vezes, dizem medir o tempo, servem-se de fórmulas matemáticas nas quais o tempo desempenha o papel de um *quantum* específico. Mas o tempo,

não se deixa ver, tocar, saborear nem respirar como um odor. Há uma pergunta que continua à espera de uma resposta: como medir uma coisa que não se pode perceber pelos sentidos? Uma “hora” é algo de invisível. (ELIAS, 1998, p.7).

Então? Os relógios não medem o tempo? Se eles permitem medir alguma coisa não é o tempo invisível, mas algo perfeitamente passível de ser captado, como a duração de um dia de trabalho ou de um eclipse lunar, ou a velocidade de um corredor na prova dos cem metros. Os relógios são processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-os em sequências-modelo de recorrência regular, como as horas ou minutos, permita regular os comportamentos. Assim sendo,

O mecanismo do relógio é organizado para que ele transmita mensagens e, permita regular ao comportamento do grupo. O que um relógio comunica, por intermédio dos símbolos inscritos em seu mostrador, constitui aquilo a que chamamos tempo. (ELIAS, 1998, p. 7. 16).

Qualquer reflexão sobre o problema do tempo é entravada pela forma substantiva de que se reveste esse conceito. Durante tempos, as necessidades sociais motivaram a mensuração dos corpos celestes. Como afirma Elias, (1998), é fácil mostrar como o desenvolvimento desse segundo tipo de medida foi e continua ser dependente do desenvolvimento do primeiro tipo, a despeito da ação das influências recíprocas. Por outro lado, o tempo no contexto da física e da tradição dominante na filosofia, “é um conceito que representa um nível elevado de síntese, situam-se além do horizonte do saber e da experiência”. (ELIAS, 1998, p. 11).

A compreensão de Elias (1998) é que o tempo é decorrente de um encadeamento de aprendizagens e que no decorrer da história e na mutação da sociedade, dos grupos que não possuíam a noção do tempo e os que o concebem de forma mais sistematizada, como a sociedade capitalista, a palavra tempo foi adquirindo diferentes conceituações, conforme a necessidade da vida cotidiana. Logo,

ele repousa sobre a hipótese de que nosso saber resulta de um longo processo de aprendizagem, que não teve um começo na

história da humanidade. Todo indivíduo, por maior que seja sua contribuição criadora constrói a partir de um patrimônio de saber já adquirido, o qual ele contribui para aumentar. E isso não é diferente no que concerne ao conhecimento do tempo. (ELIAS, 1998, p. 10).

À guisa de tal, (ELIAS, 1998) nas sociedades desenvolvidas, parece quase uma evidência que um indivíduo saiba sua idade. Já em outras sociedades menos avançadas, encontramos homens incapazes de dizer com precisão qual é a sua idade. Na medida em que o patrimônio de saber compartilhado por um grupo não inclui o calendário é difícil determinar o número de anos que se viveu não sendo possível comparar diretamente a duração de um período de vida com a de outro. Há necessidade de referência e padronização na escala da sociedade - o calendário. Nesta sequência vemos:

Assim, a sucessão irreversível dos anos representa, à maneira simbólica, a sequência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, e serve de meio de orientação dentro da grande continuidade móvel, natural e social. Numerados, os meses e dias do calendário passam então a representar estruturas recorrentes, no interior de um devir que não se repete. Nas sociedades mais complexas, o conjunto desses símbolos do calendário torna-se indispensável à regulamentação das relações entre os homens, quer se trate da estipulação dos dias de férias ou da duração de um contrato (ELIAS, 1998, p. 10).

Mas... “Sentimos a pressão do tempo cotidiano dos relógios e percebemos cada vez mais intensamente à medida que envelhecemos – a fuga dos anos nos calendário [...]”, afirma Elias (1998, p. 11). Podemos concebê-lo como um processo cego que continua seguindo pelo mesmo rumo, não em caráter exclusivo, no caso das funções superiores de coordenação social, onde a interação de um número cada vez maior de cadeias de interdependência incita os homens a submeterem sua atividade profissional a um horário cada vez mais exato.

No entanto, o tempo não se deixa guardar comodamente numa dessas gavetas conceituais onde ainda hoje se classificam, com toda a naturalidade, objetos desse tipo. O problema do tempo aparece, muitas vezes, como sendo do âmbito dos físicos e dos metafísicos, contudo “não são ‘o homem e a natureza’, no sentido de dois dados separados, que constituem a representação cardinal para compreendermos o tempo, mas sim, os homens no âmago da natureza”. (ELIAS, 1998, p. 12).



Conquanto, afirma Elias (1998, p. 99) ao longo dos séculos essa foi uma busca inútil, à caça de algo que não existe, ou seja, do “tempo” entendido como realidade universal dada a todos os homens do mesmo modo e experimentada por todos da mesma maneira. Ao dirigir esse questionamento para tal “objeto”, os pensadores caíram incessantemente na armadilha que eles mesmos se preparavam. [...] viram-se obrigados a escolher entre dois postulados fundamentais relativos ao “tempo”, ambos igualmente especulativos e impossíveis de demonstrar. De um lado sempre houve pessoas que admitem que o “tempo”, como elemento da ordem eterna da natureza, é dado aos homens como qualquer outro objeto físico.

### **A vivência e a compreensão do tempo na formação doutoral**

Quem não almeja ver seus esforços, dedicação e sonhos realizados? Adentrar ao Programa de Pós-Graduação - Doutorado após um crivo de afinamento no processo seletivo das universidades públicas, mediante acirrada concorrência sob efeito de aprovação da banca avaliadora, não parece um fato tão simples e corriqueiro como podemos imaginar, do qual tenhamos que abrir mão frente a embates como o tempo para dedicar aos estudos e a escassez de incentivos para a pesquisa. Competência, humildade intelectual e persistência são elementos basilares neste processo.

Mas... não é suficiente adentrar ao doutorado. Neste último item propomos refletir sobre o conhecimento como bem público isto é, como direito de todos e os entraves para a efetivação de pesquisa com qualidade, o tempo a ser dedicado às disciplinas, aprofundamento e à pesquisa; a falta de recursos e o tempo estabelecido pela CAPES para os programas de pós-graduação como veremos.

Para tanto, verifica-se que o crescimento de pesquisadores no Brasil, é sem dúvida notória, o que poderá sinalizar maior exigência na excelência da capacitação de recursos humanos, para que o progresso científico no país prossiga (Guimarães & Gomes, 2000; Morosini, 2009; Steiner, 2005). Para tais exigências paga-se um elevado e indesejado preço.

Dentre as exigências para a avaliação da continuidade dos programas de pós-graduação, mestrado e doutorado, as produções textuais (publicações) são as mais



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



sufocantes. A pressão é tanta que parece um gargalo na vida do doutorando que necessita dar conta das disciplinas obrigatórias e eletivas; realizar outras entregas com geração de créditos ao longo do curso, em tempo hábil. São exigências das quais não estamos isentos. A contribuição científica para a ciência é importante, somado à alegria e à satisfação quando nossas produções são aprovadas com aceites por revistas e periódicos de qualidade como A1, B1 após tanta sinergia envolvida.

Para autores em diferentes áreas (André, 2007; Cury, 2010; Horta, 2006; Macedo & Souza, 2010), o principal dilema enfrentado pelos atores do sistema de pós-graduação (estudantes, orientadores e coordenadores) é a constante necessidade de aumento no volume de produção bibliográfica. Para Moreira (2009), isso leva a uma cultura de produtivismo e quantitativismo, bastante criticada pela sobrecarga aos pesquisadores, mas que permanece como parâmetro basal de avaliação dos programas (Macedo & Souza, 2010). E quando isso não acontece, temos o descredenciamento do programa que mesmo funcionando não recebe incentivos para a pesquisa. As exigências com a qualidade da produção, é indiscutível, o que se questiona é a falta de recursos para se manter a qualidade das publicações.

A questão é a de que o doutorando “faça” seu currículo próprio? Banque todos os investimentos? E o mais assertivo, aumente a pontuação do programa para que este continue existindo em excelentes condições e não venha a ser penalizado. Trata-se de uma via de mão dupla, logo, a responsabilidade é de todos, docentes, discentes que fazemos o programa. Chegamos timidamente a essa clara conclusão.

Ao fator “tempo” enquanto espaço interligado com as ações acadêmicas imbricadas, às exigências dos programas, somam-se outros elementos não menos impactantes, como os custos elevados para as publicações deixando-nos a impressão de que tudo não passa de um “comercio de produção científica”, a participação e viagens à congressos, a aquisição de livros, acesso à internet [...], somado à falta de recursos como incentivo à pesquisa, reforça a ideia de que cursar o doutorado no Brasil, ainda parece *status*.

Ter acesso ao conhecimento mais elevado, o doutorado - em uma universidade pública, não é privilégio apenas dos “ricos” ou “elitizados”, destes, poucos são os que trilham os caminhos da pesquisa por não gerar lucro imediato, não enriquecer. Terá



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



acesso ao doutorado também o cidadão oriundo da rede pública que com seus méritos próprios por um crivo de processo seletivo e não obstante seus poucos recursos para gestar sua vida acadêmica, poderá sim cursar o doutorado se para tal, dispor dos incentivos dos programas de fomento à pesquisa, uma vez contemplados os critérios dos órgãos como: CAPES, CNPq, FAPEAM<sup>4</sup> etc.

Como doutorandos, estamos a léguas destes incentivos. Sendo o doutorado um “tempo tão especial” na formação de pesquisadores, deveria ser utilizado 100% ou quase isso do tempo para os estudos e pesquisa, porém, em minhas observações, por falta de recursos (bolsa de estudo) não disponibilizados pelo programa, o oposto faz parte do cotidiano da formação doutoral. Como dar conta de uma pesquisa de qualidade em quatro anos com o tempo comprometido com outras atividades profissionais? Como levar em frente um doutorado acadêmico quando na verdade os procedimentos, a rotina, possuem características de doutorado profissional?

Por tratar-se de um programa acadêmico e não profissional, os doutorandos não deveriam trabalhar dois turnos impedidos de ficar à disposição do programa que versa sobre horário integral, tendo presente que no primeiro ano as disciplinas obrigatórias e optativas, o volume de exigência de leituras, seminários e toda a dinâmica do curso, o tempo se faz escasso. Como priorizar esta formação?

Conforme lemos: “O doutorado profissional ainda está por vir” (propostas) conforme Portaria N. - 131, de 28 de junho 2017, que dispõe sobre o mestrado e o doutorado profissionais (DOA, 30 de junho, 2017) e Portaria MEC n. 389/2017 que dispõe sobre mestrado e doutorado profissional no âmbito da pós-graduação stricto sensu. Já o Parecer CFE nº 977/65, aprovado em 3 dez. 1965, distando as seguintes características fundamentais que devem estar presentes nestes níveis de curso: ser de natureza acadêmica e de pesquisa e, mesmo quando voltado para setores profissionais, ter objetivo essencialmente científico [...]. (CAPES, 2014). O PPGSCA não é um programa profissional e sim acadêmico.

---

<sup>4</sup>CAPES. FME (MEC), atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) em todos os estados da Federação. CNPq. Agência do MCT para o fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Disponível em: <<https://cmcd.fgv.br/bolsa-mestrado-doutorado-cnpq>>. Acesso em: 04 ago. 2018. FAPEAM. Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas. Disponível em: <[www.fapeam.am.gov.br](http://www.fapeam.am.gov.br)>. Acesso em: 05 ago. 2018.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Com o proposto, entendemos sim que o pesquisador em formação, deve sim trabalhar para custear sua pesquisa, adquirir seus livros, apropriar-se dos conhecimentos para fundamentar as discussões, viajar para congressos, focar e canalizar suas energias para tal. Mas, o inverso de tudo isso, transforma-se em cansaço físico e mental, oriundos de carga dupla de trabalho, tendo-os como aliados que competem com o tempo dos pesquisadores e a vida urbana frenética. Temos tempo para concluir o doutorado e devemos estar vigilantes quanto a esse tempo pois a duração do curso é de 48 meses; prazo para qualificação em até 28 meses a contar da data de início do curso, com prazo estabelecido para a defesa de Tese em até 54 meses do início do curso mediante justificativa à coordenação (PPGSCA, UFAM, 2018).

Reportando-nos aos escritos de Matos (2015) em seu livro *Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica* o autor pontua considerações sobre a distinção entre o que é trabalho e o que é divertimento/lazer na fala de seus informantes da comunidade de Bico dentre outras. “[...] *o trabalho é uma coisa e o divertimento é outra. As pessoas necessitam, sim, de divertimento. Deus o livre se fosse só trabalho*”. Nesse caso, o trabalho é entendido não apenas por questões de honra, mas soa como algo e condição necessária para manter a vida, a dignidade e o status social (MATOS, 2015, p. 122-123).

Em consonância ao texto de Matos, nós doutorandos nos encaixamos nesta categoria de trabalhadores com dupla ou tripla jornada se encararmos os estudos, a pesquisa como trabalho científico de grande contribuição à ciência que certamente não nos deixará no ócio da vida mas como ressalta o mesmo autor:

Ao longo dos anos, se fortaleceu no Amazonas a ideia do ser produtivo. No processo de integração, a interdependência funcional se fortaleceu e as redes ampliaram [...]. É penalizado socialmente o indivíduo que vive a vida vagabundando, que leva uma vida ociosa ou simplesmente possui o necessário para a manutenção. Aquele que trabalha ganha destaque social, diferentemente daquele que espera à sombra e com água fresca à disposição, o que Deus lhe proporcionará. Portanto, fazer acontecer é o lema que conduz os indivíduos que não se satisfazem com o suficiente. Querer mais, estabelecer metas, induz a necessidade e a persistência em trabalhar para ter suas coisas. É o que se espera do homem trabalhador; que ele seja



uma trabalhadora, que ela seja uma trabalhadora, que ele ou ela sejam guerreira e guerreiro. (MATOS, 2015, p. 123).

Estigmatização? Consequências? Novos rumos para a formação doutoral que nossa turma já vivência? São questionamentos que nos acompanham, mas que segundo Elias (2000, p. 19) a estigmatização, portanto, pode surtir um efeito paralisante nos grupos de menor poder. Embora sejam necessárias outras fontes de superioridade de forças para manter a capacidade de estigmatizar, esta última, por si só, é uma arma nada insignificante nas tensões e conflitos ligados ao equilíbrio do poder. São questões postas pelos pesquisadores do programa.

Interligando os argumentos, Gerard Fourez (1995) ao tratar sobre a comunidade científica assim se exprime:

No entanto, com toda a sua diversidade, a comunidade científica não ocupa uma posição aleatória na sociedade: ela pertence à classe média de nossa sociedade industrial (nos países em desenvolvimento, a comunidade científica ocupa uma posição social diferente, o que exigiria uma análise mais apurada, muito importante para compreender o papel da ciência e da técnica nesses países). Ela pertence, portanto, a grupos que não têm um enorme poder social, mas que, assim mesmo, estão no centro da sociedade e tendem a identificar-se com os interesses da sociedade [...]. (FOUREZ, 1995, p. 97, 98...)

Esta também,

Busca encontrar aliados que, eventualmente, subsidiarão as suas pesquisas, é portanto um grupo social que tem, “algo a vender”, e que procura “compradores”. Essas “alianças” influenciarão os seus pesquisadores, tornando-os por vezes mais atentos a certas questões do que a outras, ou dando a uma disciplina uma fisionomia que lhe é peculiar. [...]. (FOUREZ, 1995, p. 98).

Como compreender e vivenciar a teoria sobre o “tempo” na vida acadêmica de acordo com Norbert Elias? Temos então que, pesquisar e encarar o tempo em uma abordagem crítica, histórica e processual que poderá contribuir para uma visão mais ampla das múltiplas relações entre tempo, estudo e trabalho. Para Elias (1989) o tempo tem uma função coordenadora da experiência humana e critica fatores coercitivos que esse vai adquirindo. Logo, “o ‘processo civilizador’ demonstra que quanto mais ampla e



interdependente for a ação humana, maior será sua dependência do tempo” (ELIAS, 1989, p. 64 e 65).

Decorrente do "*processo civilizador*" (Elias, 1994), hoje as atividades são mais numerosas, com maior dependência e complexidade na rede de nossas relações onde o seu denominador comum é o "tempo". Aplicando-se a este imaginário, para Elias (1989) o tempo,

[..] é um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos [...]. (ELIAS, 1989, p. 84).

Nesta linha de pensamento, o PPGSCA<sup>5</sup> assenta suas bases numa visão de Universidade Amazônica e seus pesquisadores têm premência em dar respostas aos problemas da região decorrentes de sua ocupação e dos modelos de desenvolvimento adotados pelo grande capital. Sua preocupação com os processos socioculturais da Amazônia confirma e define claramente o propósito e o compromisso do Programa [...]; o que exige do pesquisador, "sair" da sala de aula e participar em eventos, atividades extraclasse que agreguem conhecimentos, experiências e valores para a formação por tratar-se de um programa de área multidisciplinar tendo como área de concentração os Processos Socioculturais na Amazônia.

Nesta perspectiva além dos valiosos estudos, discussões, reflexões em sala de aula, outras tantas atividades culturais e interdisciplinar foram ofertadas em 2018/1, porém, as que fugiam aos dias disponibilizados às aulas na universidade ainda que importantes, a participação era reduzida não cabendo na disponibilidade de horário quando não programado com antecedência.

Os motivos podem ser os mais variados, além dos já descritos, cabendo aqui uma pergunta: E o tempo dedicado à formação doutoral? Como colher e propagar as riquezas dos momentos formativos? A vivência intensa do doutorado? Entre a opção de ir trabalhar e/ou participar dos eventos culturais em outros espaços, em dias e horários

---

<sup>5</sup> PPGSCA. Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura. UFAM. Disponível em: <http://www.ppgsca.ufam.edu.br/apresentacao>. Acesso em: 05 ago. 2018.



diferenciados dos rotineiros à universidade, vencia a necessidade de sustentabilidade. Vemos então que a interdisciplinaridade apresenta-se, a partir dos anos de 1960, como uma importante precursora não somente na crítica, mas, sobretudo, na busca de respostas aos limites do conhecimento simplificador, dicotômico e disciplinar da ciência moderna ou clássica pois, ela passa, então, a construir, em função de sua proposta, um modo inovador na produção de conhecimento científico,

Mas é considerada, ao mesmo tempo complemento do modo disciplinar do pensamento [...]; pois longe de ser doutrina ou ideologia, a interdisciplinaridade se caracteriza por gerar constante dúvida e estar em permanente reconstrução. (ALVARENGA, 2005, p. 9.29; SOMMERMAN, 2006 s/p)

Na proposta de Elias (1993, p. 228) o tempo deve ser compreendido no contexto social onde é produzido interagindo com outros elementos da vida social, o que demanda conexão de aspectos interdisciplinares e intersubjetivos. Então, o tempo a ser dedicado à pesquisa, necessita ser revisitado com novas compreensões e novos olhares? "Estudar o tempo pode talvez contribuir para corrigir esta imagem errônea de um mundo com compartimentos estanques". (ELIAS, 1989, p. 25).

Pelo fato de não nascermos com um sentido temporal pronto, devemos aprendê-lo juntamente com outros aspectos culturais e sociais da vida cotidiana, na qual os sujeitos estão inseridos, para que este decifre o complexo sistema simbólico temporal que pauta a vida social. Para Elias (1989, p. 154) "a aprendizagem do tempo em uma sociedade altamente industrializada requer de sete a nove anos para se desenvolver". Tal sistema influencia nosso olhar diante da realidade, tornando-o essencialmente temporal.

### **Considerações alusivas**

Ponderações imbricadas ao tema em foco nos remetem a reflexões quanto a utilização do tempo e as redes de interdependência funcionais que o indivíduo está inserido ainda que sua escassez invada nossa alma e acelere nosso processo vital. Estudar, pesquisar, são ações que o sistema capitalista parece não computar como lucrativas para o desenvolvimento do país. Retirar ou diminuir investimentos à



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



pesquisa, como “ameaça” para 2019<sup>6</sup>, é ‘promover a fuga ou a paralização do cérebro, da ciência e da humanidade’. Como explicitado, nossa turma de doutorandos e talvez outras turmas, já vivenciam esta realidade.

A cada pesquisador cabe fazer o seu melhor e aproveitar o máximo desse tempo doutoral estando ciente que investir tempo e verba em pesquisa, sobretudo na região amazônica além de ser um direito a receber incentivos é antes de tudo dever da União, fomentar a pesquisa. Assim que se darão o direito de dizer: “A região Norte do Brasil possui excelentes pesquisadores, pois para isso foram feitos investimentos”. Mas se esse investimento não chegar ou ser cortado o orçamento para pesquisa no país, nós chegaremos lá de qualquer maneira. Em outras palavras escreve Gláucio Campos, (2015, p. 57-58): “onde há terras e florestas, onde há terra e área cultivada, onde há rios, lagos, cabaceiras e igarapés o amazônida mostra seu *ethos*, que não se resume apenas ao trabalho, mas ao não trabalho”.

Como convite à reflexão, ao saber esperar com paciência no tempo, temos a contribuição de Norbert Elias em “A condição Humana”, que nos presenteia com a seguinte exortação:

Por vezes é útil, para compreender melhor as questões da atualidade, afastarmo-nos delas em pensamento para depois, lentamente a elas regressarmos. Compreendemo-las, então, melhor. Pois quem se embrenha apenas nas questões do momento, quem nunca olha para além delas, é praticamente cego. (ELIAS, 1985, p. 13).

Cego ou cegos? Não. Não queremos caminhar como cegos às apalpadelas; saberemos sim esperar sabiamente, fazendo a história acontecer, não deitados em berço esplendido mas na aurora de uma vanguarda que sonha com uma Amazônia sempre mais esplendorosa, desbravada, habitada e cuidada por seus filhos ousados e por quantos nela desejarem habitar com respeito e dignidade “e não mais e tão somente por estudiosos estrangeiros como lemos na história”.

---

<sup>6</sup> CAPES. Ofício n. 245/2018-GAB/PR/CAPES. Encaminhamento da manifestação sobre a elaboração da Proposta Orçamentária, 2019 (LDO) de 01.08.2018 ao Ex.mo. Senhor ROSSIÉLI SOARES DA SILVA – Ministro de Estado da Educação. Disponível em: <<https://goo.gl/WNfx5m>>. Acesso em 07. Ago. 2018.



## Referências bibliográficas

ALVARENGA, A. T. JUNIOR, Arlindo P.; [et al]. **Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade**. In: Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia. Barueri, São Paulo: Manole, 2011.

ANDRÉ, M. **Desafios da pós-graduação e da pesquisa sobre formação de professores**. Educação & Linguagem, 2007.

BRANDÃO, Carlos da F. **Norbert Elias: formação, educação e emoções no processo de civilização**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CAYMMI, Dorival. **Modinha para Gabriela**. 12 de março de 1975. Disponível em <<https://goo.gl/r4Tbuo>>. Acesso em 26 de jul. 2018.

CAPES. **História e missão**. Atualizada em 01.02.2018. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/historia-e-missao>>. Acesso em 04 de ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Ofício n. 245/2018-GAB/PR/CAPES**. Encaminhamento da manifestação sobre a elaboração da Proposta Orçamentária, 2019 (LDO) de 01.08.2018 ao Ex.mo. Senhor ROSSIeli SOARES DA SILVA – Ministro de Estado da Educação. Disponível em: <<https://goo.gl/WNfx5m>>. Acesso em 07. Ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Portaria nº 131/2017**. Dispõe sobre o mestrado e o doutorado profissionais.

\_\_\_\_\_. **Portaria MEC nº 389/2017**. Mestrado e doutorado profissional. Dispõe sobre o mestrado e o doutorado profissionais. Disponível em: <[goo.gl/YZ54zh](https://goo.gl/YZ54zh)>. Acesso em: 06 out. 2018.

CURY, C. R. J. (2010). **O debate sobre a pesquisa e a avaliação da pós-graduação em educação**. Revista Brasileira de Educação, 2010, p.162-165.

DOU. Nº 124, sexta-feira, 30 de junho de 2017. Seção 1. ISSN 1677-7042 17. **Portaria No - 131, de 28 de junho de 2017**. Dispõe sobre o mestrado e o doutorado profissionais. Disponível em: <[goo.gl/NbECEX](https://goo.gl/NbECEX)>. Acesso em: 06 de Out. 2018.

ELIAS, Norbert. **A Condição Humana**. Memória e Sociedade. Rio de Janeiro: DIFEL, 1985.

\_\_\_\_\_. **Sobre el tempo**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1989. In: Tempo, Elias e pesquisa em organizações. Mônica Mastrantonio, M. Terceira Conferência de pesquisa sócio cultura. Universidade Bandeirante, Brasil e Universidade São Judas Tadeu, Brasil.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização**. R.J: Jorge Zahar, 1993, v. 2.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a, v. 1



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



\_\_\_\_\_. **Sobre o tempo.** Editado por Michael; Introdução, Vera Ribeiro; revisão técnica, Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. **Elias por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências:** introdução à filosofia e à ética das ciências. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995.

GUIMARÃES, J. A., & GOMES, J. **Pós-Graduação 2001:** Desempenho, perspectivas, desafios e riscos. InfoCapes/ Boletim informativo da CAPES, 8(4), 6-29. 2000. In: Estresse e Estressores na Pós-Graduação: Estudo com Mestrandos e Doutorandos no Brasil. Andrea André Faro. Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Mar 2013, Vol. 29 n. 1, pp. 51-60. Universidade Federal de Sergipe.

HORTA, J. S. B. **Avaliação da pós-graduação:** Com a palavra os coordenadores de programas. Perspectiva, 2006, p. 24, 19-47.

LIMA, Araújo. **Amazônia, a terra e o homem.** 5. ed. Manaus: Governo do Estado do Amazonas/Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2001.

MACEDO, E., & SOUZA, C. P. **A pesquisa em educação no Brasil.** Revista Brasileira de Educação, 2010, p. 166-176.

MATOS, Gláucio. C. G. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica.** Manaus: Valer/FAPEAM, 2015.

MOREIRA, A. F. **Cultura da performatividade e a avaliação da pós-graduação em educação no Brasil.** Educação em Revista, 2009, p. 23-42.

MOROSINI, M. C. **A pós-graduação no Brasil:** Formação e desafios. Revista Argentina de Educación Superior, 2009, p 125-152.

PPGSCA. **Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura.** UFAM. Disponível em: <goo.gl/utJXaz>. Acesso em: 05 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Estrutura Curricular.** Disponível em: < goo.gl/53NJDD>. Acesso em 06.10.2018.

RAYNAUTI, Claude. **Interdisciplinaridade:** mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia. Arlindo Philippi, Jr; Antonio J. Silva Neto. Barueri, São Paulo: Manole, 2011.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



---

SOMMERMAN, A. **Formação e transdisciplinaridade**: uma pesquisa sobre as emergências formativas do Cetrans, 2003. 2.v. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. In: Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia. Barueri, São Paulo: Manole, 2011, p. 20.

STEINER, J. E. **Qualidade e diversidade institucional na pós-graduação brasileira**. Estudos Avançados, 2005, p. 19(54), 341-359